

# ‘Colheita de Inverno’: a transmissão da herança

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

El ensayo emplea la prosa del mundo para construir prosa sobre el mundo. [...] El ensayo es la representación artística de un diálogo de ideas así como también del rumor del mundo.

LILIANA WEINBERG, *PENSAR EL ENSAYO*

## UMA ABERTURA: ENSAIO-CORAL OU O ENSAIO PENSA O QUE ESCREVE

Há diversas formas de fazer ensaio. Numa qualquer bibliografia sobre o género verificamos quanto esta escrita fundada por Montaigne é, primacialmente, uma escrita questionante, aberta às próprias condições de possibilidade dos artefactos da cultura. Dirige-se o ensaio a tudo quanto existe, actuando à semelhança desse simbólico «coral» de Sophia de Mello Breyner Andresen que, indo e vindo, ao ritmo das marés, «a cada coisa pergunt[a] / que nome t[em]». O ensaio, assim concebido, é somatório de vozes, num ir e vir constante e constantemente curioso. Cântico, concerto de ecos, ressonâncias em contínua flexibilidade, pois a escrita ensaística tece-se de dissonâncias, de desvios, assumindo ora a fragmentação, ora uma textualidade que não admite tergiversações, o ensaio é, **nas palavras de** Silvina Rodrigues Lopes, uma textualidade que **se pode** definir do seguinte modo:

Chamamos ensaio a textos em que o pensamento põe de parte a oposição entre racional e irracional e se move segundo um impulso de aventura, não sistemático: não apenas o conceito mas também a imagem, não as diferenças mas as diferenciações, não o fixo, mas o que está em devir. (Lopes, 2003: 121)

Podemos, assim, conceber o ensaio como texto-rizoma, árvore discursiva com braços e ramos vários, mas cujo tronco comum é a linguagem, o pensamento. Com alguma objectividade, é possível mapear os principais lugares onde **se** firma a sua morada. Para uma eventual história deste género híbrido,

cuja natureza ambígua, ou anfíbia, o coloca a meio caminho entre o exercício literário e o texto científico, diremos que o ensaio é a escrita que procura, simultaneamente, construir-se como conhecimento, tendo como modelos a ciência e a filosofia. Cultivando aquele fascínio da linguagem, o que o aproxima da literatura como arte verbal, todo o ensaio procura explicar e resolver o que, em dado tema ou problema, se revela como enigma e é nessa tentativa de explicação, pela natureza proteiforme que pode assumir, que o ensaio se apresenta como radical operação enunciativa. O ensaio é, mesmo quando recai sobre uma dada obra dum dado autor, um texto que, por si, pode ser também objecto de análise.

Se o pensamento do ensaísta demanda pensar sobre as palavras de um outro, sobre as palavras que são, para quem sobre elas escreve, organismos vivos, então, ao *pensar sobre*, todo o texto ensaístico *se ensaia* como inter-texto, ou artefacto performativo<sup>1</sup>. O lexema «ensaio» pode funcionar como figura da escrita: é uma forma de prosopopeia, posto que, para além da cumplicidade que se estabelece entre a palavra «ensaio» e o termo *exagium* (no sentido de *balança*), e ainda *exagiare* (no sentido de *pesar*), o ensaio corporiza-se como gesto dotado de uma certa *personalidade*. Um bom ensaio será aquele acerca do qual podemos falar de uma prática intelectual — uma prática que existe para além daquele que a cultiva. A escrita ensaística projecta-se como uma prática da osmose, pois que escrevendo sobre as mais variadas realizações da cultura humana, o seu autor torna-se *fantasma*; um fantasma que procura, nos textos que interpreta, a *presença real*, o sentido oculto da obra. Porque o ensaio que pensa o que escreve existe como ser independente daquele que o cria — ensaístas há para os quais a *escritura-ensaio* ganha uma *corporeidade textual* autónoma. Ficando nessa zona intermédia em que o autor se dilui para dar existência ao texto que fica, é nesse momento que o ensaio se pensa como lição de segunda instância (a lição primeira é sempre a obra literária), reveladora dos modos (e mundos) de linguagem que a ficção, na sua retórica, esconde. O texto ensaístico é pensamento feito corpo, ou corpo feito pensamento, coisa tangível, existente, quando vive pela sua própria textualidade e é reconhecido como sendo a prova de vida daquele que o redigiu e que, redigindo-o, reatualiza e faz reviver uma obra ou um autor que estavam esquecidos, ou lesados de sub ou sobreinterpretação<sup>2</sup>. Sirvamo-nos de uma imagem que reenvia ao étimo do verbo «reflectir»: de tal modo aquele que redigiu um ensaio pensa e sente a obra lida, que, *flectindo* o corpo sobre essa obra, a sua escrita torna-se *reflexão*, porque o corpo do ensaísta cai sobre a mão escrevente. A mão mental é veículo do pensamento e o próprio corpo se (desd)obra para tecer o pensamento escrito.

Quando aquele que cria uma obra ensaística aprofundou a um ponto tal a experiência do pensamento feito discurso, erige-se o ensaio à condição de

género *coral*, polifonia extremada. Mas há dois modelos ensaísticos: um que é ensaio-criação, quase *ludus* verbal, que não raro se dá a ler como investigação íntima, e um outro tipo, académico, e cujo fito é fazer pedagogia, ser claro na disposição das matérias e dos problemas, possibilitando a entrada do leitor nos problemas que uma obra estética possa colocar. Aquele que lemos como investigação e criação (Eduardo Lourenço será, em Portugal, o modelo *basilar*) é esse «coral» de Sophia, como escrevi no início. Será o ensaio que se reúne com o leitor, tornando-o participante do processo de leitura, trazendo-o para o coro e reclamando a sua voz, o seu ritmo. Quem lê ensaio não pode deixar de fazer corpo, ou fazer parte, do pensamento que, escrito, à nossa frente se mostra como aventura da interpretação, círculo e circuito.

No caso de Aguiar e Silva, o ensaio é círculo e circuito, mas a intenção primordial dos seus trabalhos é ensinar a ler, tecer o fio de Ariadne que nos ajude a compreender o dédalo semiótico do discurso literário. Se é circulação da escrita, é um *saber de leituras feito* e é circuito, na medida em que os seus ensaios revelam um percurso vital, isto é, um caminho de leituras. No mais recente livro publicado, *Colheita de Inverno*, os «ensaios de teoria e crítica», à semelhança de T. S. Eliot, em si mesmos fecham um ciclo existencial e, fechando-o, no mesmo lance abrem para um novo círculo exegético que há-de convocar novos ensaístas e investigadores no seio da Academia. O volume complementa o que, em 2010, foram as teses defendidas pelo autor de *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*, aí contemplando um arco temporal que ia de 1970 àquele ano de publicação. De novo é a «defesa das Humanidades» não como «património cultural», mas como «abóbada do futuro» o que lemos na presente «colheita». Vítor Aguiar e Silva actua aqui como consabido *magister* e *pedagogo*, escrevendo num estilo claro, harmonioso, de enorme erudição, mas sem cair em jargão especializado que impedisse o acesso ao que nos seus textos se expende.

### **VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA: INQUIRIÇÃO E PEDAGOGIA**

Se em Montaigne o ensaio é inquirição — irónica — dum ignorante que deseja saber («Vou, inquiridor ignorante», afirma o autor dos *Essais*); se em Coleridge ele é tenacidade e coragem (ao desenvolver um problema com todo o rigor possível e como género que está em permanente processo de juízo); se num Elias Canetti é transmissão e herança, ou em Walter Benjamin é o labor de um pensamento que tem de cortar com a catástrofe (para Benjamin a catástrofe é tudo continuar na mesma), no caso específico de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, o ensaio é um pensamento que se ensaia e que ao ensaiar-se lecciona, isto é, consolida uma didáctica da leitura. Lendo esta compilação, bem como outras da sua extensa produção de investigador, o que sobretudo se pressente é que estamos perante verdadeiras aulas de literatura. O Mestre lê o

que ensina, ensina o que lê. Nesta perspectiva, há uma diferença fundamental entre duas formas de linguagem do ensaio: Vítor Manuel de Aguiar e Silva não faz do ensaio o exercício criativo (no sentido mais literal desta palavra) a partir de cuja redacção estaríamos mais perto duma intenção literária, que de uma intenção científica. Ou literal. Em todo o caso, porém, o ensaísmo do autor de *Colheita de Inverno* admite, neste seu título, uma metáfora sazonal: o ensaio é, sempre, uma outra forma textual de tal modo inscrita dentro da vida que ela se torna espelho do percurso de alguém que chega agora ao Inverno.

Não sendo, como o de um Eduardo Lourenço, ou mesmo o de um Eduardo Prado Coelho<sup>3</sup>, ensaio de dimensão performática, transgredindo eventuais fronteiras entre discurso científico e literatura, há, porém, consequências a tirar dum título que, por oposição ao registo científico e didáctico dos textos aqui em volume, propende à literariedade. Podemos considerar que o título remete para duas realidades: no Inverno o ensaísta colhe as folhas caídas da literatura, enfeixando-as e oferecendo aos seus leitores a literatura lida, ou, noutra sentido, o que se colhe não é a literatura, mas o que está nestes ensaios: o «honesto estudo» de alguém que sabe reconhecer que há agora que colher o que, ao longo de décadas, se cultivou noutras estações da vida.

Colheita e recolhimento, este livro coloca-nos face a face com Aguiar e Silva, o professor de Literatura. Solicita a nossa interrogação: Que significa escrever como quem colhe no Inverno uma determinada colheita? É, antes de mais, pensar a literatura questionando o inverno da própria literatura. Tal questionamento vem respaldado, agora, com um manancial de saber e de reflexão (*hélas!*) que permite que esta compilação de trabalhos se faça testemunho e testamento. Pondero o peso destas palavras. Todo o testemunho é testamento, mas não há aqui despedida alguma — há, antes, atendendo à etimologia deste último lexema, «testamento», uma ideia de partilha, a inclinação para fazer do ensaio uma conversa extensa, aprofundada, espécie de carta dirigida ao futuro. Como Garrett, nas *Viagens*, Vítor Aguiar e Silva pode dizer: *pronunciei-me*. O tom geral dos ensaios será esse: o ensaísta-professor procura declarar e dirimir, ensinar e reler, esgrimir argumentos e contrariar certas derivas que secundarizam a linguagem literária e adulteram o método científico aplicado ao seu estudo. Isso é especialmente visível na «Parte I — Ensaaios de Teoria Literária». De certo modo, são ensaios dirigidos aos seus colegas da Universidade portuguesa, da sua geração e de outras mais jovens, razão pela qual, na quase totalidade dos textos, há dedicatórias a professores da Faculdade de Letras de Coimbra, ou do Porto, ou de Lisboa, bem como há a recordação de insignes académicos (Claudio Guillén); textos que, no limite, serão justamente testemunho e testamento.

Se quiséssemos filiar a prática ensaística de Aguiar e Silva em alguma linhagem crítica em Portugal, seriam Jacinto do Prado Coelho e David Mou-

rão-Ferreira dois dos pontos luminosos a ter em conta. Justamente no ensaio dedicado ao autor de *Tópicos de Crítica Literária e de História Literária*<sup>4</sup>, que podemos encontrar em *Colheita de Inverno*, Vítor Aguiar e Silva escarpeliza as coordenadas gerais do pensamento e actividade críticas de Mourão-Ferreira. São, em boa verdade, **as suas próprias coordenadas**.

Discípulo de Vitorino Nemésio e de Prado Coelho, David prossegue no mesmo caminho aberto por aqueles mestres, abraçando as orientações formalistas, a estilística espanhola e suíço-alemã, e, fazendo ecoar Ernst Robert Curtius, Leo Spitzer, Buosoño, Dámaso Alonso, o seu magistério não esquece também os contributos da literatura comparada. Em clave intertextual, como lê David a literatura? Diz-nos Aguiar e Silva: «tinha do texto literário uma concepção autenticamente poligonal, tanto em relação à sua génese como em relação à sua interpretação, de modo que recusou uma estrita leitura imanente e fechada (*close reading*) dos textos literários» (Silva, 2020: 514). Por lhe parecer redutora e inadequada relativamente à literatura como artefacto estilístico, retórico e ideológico, toda a postura que feche o texto em impressionismos de antanho, ou em famigeradas leituras supersticiosas, Aguiar e Silva, como David, postula uma visão poligonal da literatura, facto evidente quer nos «Ensaio Camonianos» (cap. II, 323-396), quer na terceira secção, «Ensaio Sobre Literatura Portuguesa» (399-563). Neste capítulo são alvo da sagesa do grande leitor autores e problemas tão diversos quanto Luís António Verney, o barroquismo e o neoclassicismo na sua obra, a interpretação de *A Casa Grande de Romarigães*, de Aquilino Ribeiro ou a exegese do poema «Morte ao Meio-Dia», de Ruy Belo, inicialmente vinda a lume em *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*. Também Albano Martins, Manuel Alegre ou os terceiro e quarto ensaios dessa secção, subordinados ao conceito de Modernismo e ao Modernismo e Vanguarda em Pessoa dão prova do princípio metodológico plural, poligonal.

Sobre estas lições não seria abusivo dizer o que Aguiar e Silva afirma acerca de Claudio Guillén no *in memoriam* que assina:

As relações entre a teoria da literatura e a literatura comparada ocuparam sempre um lugar privilegiado no pensamento de Claudio Guillén e têm constituído um dos problemas centrais da autodefinição e da heterodefinição da literatura comparada. (295)

E talvez sejam ainda os perfis de Mourão-Ferreira e de Guillén aqueles que melhor podem aproximar-nos do perfil do próprio autor de *Colheita de Inverno*, seja pela condenação dos abusos positivistas e factualistas, ou atomísticos, seja pela perspectiva integradora que, nos três, abre o estudo da Literatura à fenomenologia, em aliança com a estilística e a retórica,

ultrapassando as fronteiras do nacionalismo literário, defendendo, como supremamente fez Claudio Guillén, a ideia de *civitas verbi* (onde ecoam as teses das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein), rechaçando os erros teórico-metodológicos das falácias atomistas. Do mesmo modo que Mourão-Ferreira e Guillén, Aguiar e Silva denuncia a ruína da secular «república das letras», os colapsos da retórica e da poética, da filologia e da hermenêutica, hoje à mercê das investidas sobreinterpretativas dos Estudos Culturais. Para que não haja dúvidas, transcrevo o que Vítor Aguiar e Silva sobre esta matéria controversa, hoje, e à luz da personalidade de Guillén, constata:

A atitude de Claudio Guillén em relação aos estudos culturais é [...] fundamentalmente de rejeição, não só porque considera o movimento dos *cultural studies* de natureza política [...], mas também porque as suas orientações são inconciliáveis com a perspectiva defendida por Guillén no capítulo 16 de *Entre lo Uno y lo Diverso* [...], [aí condenando] a incapacidade [daquele movimento] para estabelecer a rede de diferenças nos fenómenos culturais, de modo que um fenómeno seja não só o que é, mas sobretudo que *não* seja o que é outro [...]. (304)

#### UMA LITERATURA POLIGONAL

Dos muitos ensaios insertos no capítulo central subordinado a Camões, a pedra-de-toque do percurso ensaístico de Vítor Aguiar e Silva, a par da Teoria da Literatura, destacaria, como prova dos ecos davidianos na sua compreensão do texto literário, os seguintes: «A Dedicatória de *Os Lusíadas* e a Hermenêutica do Poema» (361-376) e «O Canto Poético Camoniano como Epitáfio» (377-390).

São, como pretendia David Mourão-Ferreira, exercícios de leitura verdadeiramente poligonal sobre a *opus magnum* de Camões, não só porque, para se compreender a Dedicatória da épica, Aguiar e Silva percorre outras dedicatórias de epopeias de autores greco-latinos, do medievo ao Renascimento, mas também porque convoca uma complexa rede de fontes biobibliográficas, ainda que, ao contrário do que acontece na primeira secção, não tenhamos a lista de obras da bibliografia passiva.

Remetidas para as respectivas notas de rodapé, muitas informações de carácter histórico-cultural ajudam à nossa releitura de *Os Lusíadas* e, para o que aqui importa, essas informações revelam as diversas facetas que um dado tema ou problema literário pode assumir, ou seja, a visão multifacetada que Aguiar e Silva tem das matérias em pauta. Na senda de David Mourão-Ferreira, mas também de Costa Pimpão e de Sena, de Helmut Hatzfeld e de muitos nomes maiores da camonologia, Aguiar e Silva vê a literatura como uma «coluna polígona de mármore», segundo o célebre símile de Alexandre Herculano. O seu olhar e estudo atentos percorrem, descortinando fascínios e enigmas

diversos, a coluna, ou as colunas, do templo literário<sup>5</sup>. Vale a pena, neste conspecto, vincar certas passagens.

Sobre a Dedicatória de *Os Lusíadas*, para além de Homero e Virgílio, o ensaísta considera que a dimensão epidíctica do discurso foi determinada pelo conhecimento que Camões teria tido das dedicatórias da *Farsália*, de Lucano, da *Argonáutica* de Valério Flaco e, já em línguas vernáculas, da ressonância das dedicatórias do *Orlando Furioso* de Ariosto e das épicas de Luís Zapata (*Carlo Famoso*, poema de 1566), para além de *La Araucana* de Ercilla, publicada em 1569.

Integrando noções muito claras de periodologia literária e de teoria da literatura num composto ensaístico onde igualmente a História Literária e a História de Portugal se complementam, faço notar, desse ensaio, algo que me parece axial como processo de recepção da épica e do assunto em presença — a Dedicatória. Refiro-me a uma inferência hermenêutica relativa à data de redacção dessas estrofes do Canto I. Aguiar e Silva, depois de aludir ao «pacto de cumplicidade entre o autor textual e o Rei» (372), compreende que, para um cabal funcionamento retórico da Dedicatória, é fundamental situar o tempo da sua redacção não nos fins do ano de 1554 (tese de Costa Pimpão), mas antes no ano de 1559, pois que o eco da morte de Carlos V estaria implícito na solicitação dum ideal de heroicidade que, aí gravado, animaria o jovem D. Sebastião a governar à luz de uma *virtu* assente em altos padrões morais. Seguindo biógrafos e camonistas como Faria e Sousa, D. Francisco Alexandre Lobo e Houwens Post, Aguiar e Silva elucidam-nos: terá havido reescrita da Dedicatória nos anos que precederam a edição *princeps* do poema (1572), facto que tem valor hermenêutico porque a escrita ou reescrita parcial ou global das estâncias 6 a 10 do Canto I influi na compreensão da totalidade da épica. De primacial importância são as notas de rodapé 406 e 407 (373-374), aí se explicitando os termos em que ao epidíctico discurso da convencional Dedicatória sobrevém, na peroração-epílogo das estâncias 146-156, do Canto X, escritas sob o signo ominoso duma situação política e social decadente, uma possível reescrita e subsequente mudança de tom das estâncias exortativas do Canto I.

O que lemos no capítulo dedicado à camonística é suficientemente revelador dessa perspectiva de estudo do texto literário segundo aquele poligonal entendimento da Literatura. Porque Jacinto do Prado Coelho, Nemésio, bem como Guillén, Octavio Paz, ou René Wellek são referências inescapáveis, Aguiar e Silva procura mesmo resolver os diversos modos de obliteração da literatura seja no sistema geral da cultura, onde hoje ela está acantonada, seja na própria sede em que ela se estuda, a Universidade. «Poligonal» é, de facto, um conceito-chave neste livro capital. Num outro momento revelador do alcance do labor investigativo e pedagógico do ensaísmo de Aguiar e Silva, intitulado «A Pós-Teoria: Eclipse ou Metamorfose da Teoria?», depois de

analisar as implicações do prefixo «pós» naquilo que é o *espírito do tempo* na teoria literária (dos anos 70 até hoje), e depois de historiar o termo «teoria» tal qual ele se pensou na época áurea do estruturalismo francês (com Barthes, Foucault, Julia Kristeva e certo Derrida), **defende-se** a seguinte tese:

Em suma, considerando a inevitabilidade da teoria, como confirma a história da literatura ocidental e corrobora a análise epistemológica, a pós-teoria só pode ser pensada como uma metamorfose da teoria, em ruptura com o cientificismo dogmático e reducionista do estruturalismo e com as derivas e errâncias de teorias literárias pós-modernas que confundiram o anunciado fim das «grandes narrativas» monistas com a anarquia cognitiva. (22)

Informativo e literal, o ensaio tem uma função didáctico-pedagógica e ergue-se, em clave curiosamente metafórica, contra os sucessivos obituários e elegias da literatura, contra o clima adverso à existência da própria literatura no campo alargado do saber. Há uma dimensão polemizante, não declaradamente assumida, mas que se pressente, dirigida aos próprios corredores das Universidades que dela, da Literatura, vivem. Isso mesmo justifica que estes sejam não só «ensaios de teoria», mas ensaios de «crítica literária». T. S. Eliot não estará longe de ser outro dos exemplos a seguir. Se o for, como julgo que é, direi desde já que o ensaísmo que aqui se lê procura ser um modo de descortinar as estratégias de construção da literariedade, seja ao analisar os contributos da Teoria da Literatura, seja ao colocar as devidas objecções quanto aos Estudos Culturais. Aqui o ensaio, dando a ver a literatura, as artes, a filosofia, as ciências e os seus modos de funcionamento, transforma-se em deriva cognoscente — é um conhecimento que existe *de per si* e que, no estilo que para si mesmo conquista, socorre-se de disciplinas auxiliares: a antropologia, a sociologia, a economia, as ciências políticas, a geografia social e humana (de precioso auxílio no **texto** sobre Aquilino Ribeiro e a sua obra-prima, *A Casa Grande de Romarigães*, cujos sentidos ideológico-retóricos se alargam à luz do conceito de *geocrítica*).

Recuando à ideia de *exigência* que o termo latino *exagium* pressupõe, estes ensaios como prosopopeia vão mais longe. Se todo o ensaio é determinado pelo vocábulo latino *exigo*, cujo sentido implica não só a ideia da exigência, mas também a ideia da *expulsão*, em Aguiar e Silva o ensaio é exercício crítico — é crivo, selecção — e, portanto, adentro da cadeia metafórica que compõe a sua forma, é escolha, acto por meio do qual se separa o trigo do joio. É, se se quiser, um pensamento dirigido *por e para* uma dada ordem de valores. Pensar é, no ensaio, pesar; pesar é já pôr à prova, e nesta imagem — a do pôr à prova — está implícito o arriscado gesto de alguém que, previamente ao consumo de um dado alimento, prova da sua validade de forma a que a vida de outrém **se pre-**

**serve:** um imperador, um rei, um chefe político — Júlio César, Nero, Calígula, Filipe, *o Belo*, mas também Hitler ou Fidel Castro tiveram os seus provadores oficiais. É o instinto de preservação, ou de conservação de um sujeito, que pode justificar também a prática do ensaio. Contra o veneno ideológico, o ensaio erige-se como exercício que actua **enquanto** antídoto, ou paliativo.

Ensaio, ensaísmo, ensaios — estes — de Vítor Manuel de Aguiar e Silva: são *exame* e *exame*. Como pensamento crítico, estes trabalhos, que incluem também conferências no país e no estrangeiro, bem como comunicações em contexto de homenagem, examinam, analisam, sondam (aqui a imagem médico-científico é extremamente sugestiva, porque o ensaio actua como sonda perscrutadora que actua sobre dado corpo, objecto, ser, ideia). Caso modelar dessa análise, dessa arte de sondar e de examinar é, porventura, o texto «A Poética da Alegoria e o Barroco» (211-256), monografia, ou tese, de que ressaltam três lições: 1) Portugal não foi imune à influência do Barroco, o que significa, para quem dúvidas tiver, que Portugal tem uma literatura e uma arte barrocas, e de legítima designação; 2) que é «errónea — e até risível — a afirmação de Afrânio Peixoto segundo a qual, ao longo da segunda metade do século XVI e ao longo do século XVII, as artes e as letras em Portugal se teriam mantido fiéis ao manuelino e ao Renascimento» (256); 3) que para considerar o que é o Barroco português «é indispensável ter presente a influência de Camões na poesia e na poética barroca espanholas, a começar por Góngora» (256). Esta última afirmação não só recoloca novas peças no *puzzle* do maneirismo-barroco **enquanto** período literário, como, para estudos futuros sobre o Maneirismo e o Barroco em Portugal inverte e esclarece alguns lugares-comuns. É que pode muito bem ser que o Barroco espanhol deva mais a Camões e aos poetas do maneirismo português que o contrário — a começar por Luis de Góngora!

*Colheita de Inverno. Ensaios sobre Teoria e Crítica Literárias* é, também, em última instância, e pela essência estável-instável que o define como livro de ensaios («la constance mesme n'est autre chose qu'un branle plus languissant», escreve Montaigne no III livro dos *Essais*), um trabalho monumental de recolha de leituras que perfazem um corpo coeso e estruturado de multiplicação de teses. Melhor: este é um livro que, nas três partes em que se organiza, é *exame-exame* de provas e de contraprovas, de teses e antíteses, como se o labor hermenêutico jamais tivesse fim e suscitasse renovadas teses e novas antíteses. Como súpula da perspectiva plural (democrática e universalista) que Vítor Manuel de Aguiar e Silva porfiadamente persegue, transcrevo a tese fundacional do ensaio dedicado a José Augusto Cardoso Bernardes, «O Ressurgimento Contemporâneo da Estilística: Novos Horizontes para o Ensino do Texto Literário» (257-272), no qual se valoriza a leitura como ensino da literatura e a literatura como veículo da transmissão das heranças.

A herança de ler, sobretudo. Quero terminar transcrevendo o que é, para mim, da ordem da razão e da boa pedagogia:

A *interdiscursividade* é um fenômeno afim, mas distinto, do fenômeno da *intertextualidade*, pois que neste o que acontece é a presença num determinado texto de outro ou de outros textos, sob a forma velada e até críptica (alusão) ou manifesta (citação, imitação, *pastiche*, paródia).

Quer no caso da interdiscursividade, quer no caso da intertextualidade, a estilística, em articulação com a poética, a retórica e a história literária, tem um vasto e aliciante campo de trabalho, identificando e interpretando similitudes, transformações, adaptações e diferenças e contrastes. Os estudos teóricos aplicados sobre a intertextualidade têm-se multiplicado em diversas línguas, mas têm escasseado os estudos sobre o interdiscurso e a interdiscursividade. Ora estes estudos são fundamentais para o conhecimento das relações formais e semântico-pragmáticas da literatura com outras formações discursivas que vão da filosofia à biologia, do direito à sociologia, etc. (272)

Para quem ler esta *Colheita de Inverno*, creio que será bom — para evitar certos escolhos da moda — seguir, a par e passo, o pensamento crítico e teórico de Aguiar e Silva, reconhecendo, numa atitude de adesão acadêmica, de humildade científica e de admiração pessoal, essa atenção dada aos discursos do discurso literário. Só assim é possível compreender que, poligonal e múltipla, a literatura revive neste livro, à luz da lógica textocêntrica já anteriormente defendida e que deve presidir no seu ensino<sup>6</sup>. É essa diligência, típica dum *scholar* cujo magistério continuará, o que nós colhemos nesta magistral colheita.

#### NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

<sup>1</sup> Entendo que, assim lido, todo o ensaio reconduz a experiência da leitura à inominável e inabarcável experiência da escrita. O ensaísta põe em evidência o vínculo entre escrita e sentido, entre enunciação (o que a obra diz e o que o ensaísta diz sobre a obra) e o enunciado (o modo como a obra diz e o modo como o ensaísta diz a obra). Bakhtin e o seu conceito de *intertextualidade* e o conceito de *escritura*, tal qual Derrida o define, são, pois, traves-mestras para se entender a própria mobilidade estilística do género ensaio, o qual, de teórico para teórico, de ensaísta para ensaísta, e na própria produção intelectual de alguém que se dedica a este género híbrido, se pauta pela possível mudança, escolhendo, consoante a própria matéria em estudo, a corporeidade que melhor faça ecoar as lições do texto/obra de partida.

<sup>2</sup> Para ilustrar o que digo, bastaria lembrar a leitura dos poetas isabelinos feita por T. S. Eliot,

ou as leituras de Paul Claudel, de Yves Bonnefais ou de Jean-Pierre Richard dedicadas a Baudelaire e a Rimbaud, ou ainda, em Portugal, o estudo de Eduardo Lourenço sobre a poesia de Carlos de Oliveira à luz do trágico. Há mesmo ensaios que, pela sua prodigiosa capacidade investigativa e rigor hermenêutico alteram a nossa leitura de dadas obras literárias e de dados fenómenos da literatura e passam a ser motivo também de novos ensaios. Outros três exemplos portugueses: a interpretação de *Os Maias*, por José de Almeida Moura («*Os Maias* — ensaio alegórico sobre a decadência da nação», in *Cadernos de Literatura*, 14, Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, Out. 1983, 46-56); a leitura de *Camões por Jorge de Sena*, axial para reequacionar o lírico e o épico a outra luz e em função do conceito de maneirismo (*A Poesia de Camões: Ensaio de Revelação da Dialéctica Camonianiana*, Cadernos de Poesia, Lisboa, s. 2, fasc. 7, 1951) e, apesar de hoje pouco ou nada referido numa área tão pouco lembrada como a didáctica da literatura, o seminal trabalho de Jacinto do Prado Coelho, *A Educação do Sentimento Poético, de 1944, reeditado em conjunto com A Poesia de Teixeira de Pascoaes* (Lello, Porto, 1999).

<sup>3</sup> Julgo ser relativamente consensual: ao lermos os ensaios de Eduardo Lourenço o que deles resulta é, para além das insinuantes descobertas sobre os mais diversos temas e problemas, autores e obras da literatura portuguesa e europeia, o não menos insinuante regime frásico do ensaísta, duma maleabilidade e singeleza singulares. Metáforas, analogias, alusões cultas, referências à mitologia clássica e um gosto por fazer do ensaio uma ocasião para, olhando a Esfinge, perscrutar o seu sentido, isso poderia aproximar a sua produção ensaística duma ideia de Literatura. No autor de *O Canto do Signo. Existência e Literatura* (1993) o ensaio caracteriza-se por um dos elementos retóricos que definem o discurso literário: a inicial estranheza, e o subsequente prodígio, com que, não raro, partindo da leitura dum dado autor ou obra, o texto lourenciano se transforma em discurso da criação plasmando palavra literal e literariedade. Também Eduardo Prado Coelho me parece ser responsável por um tipo de ensaio que, podendo ser mais didáctico que o de Lourenço, não deixa de se conceber, retoricamente, estrategicamente, como gozo estético, fruição da escrita. Isso tem implicações: o seu ensaísmo não é adiposo, ilegível, como tanta produção ensaística de cariz universitário que, mais do que ler as obras se quer substituir às obras. O que acontece no ensaísmo do autor de *O Cálculo das Sombras* (1997) é que, não raro, o gesto da leitura parte duma inadvertida, ou casual circunstância, como se o ensaísta nos contasse um episódio da sua vida, num saboroso coloquialismo, quase em jeito de crónica: «Há coisas que se metem pelos olhos dentro. São evidências. Mas nada é menos evidente do que estas evidências. A gente não pensa nelas, usa-as. A torto e a direito. Com razão ou sem ela, com convicção ou má-fé (porque pode ser que eu precise de uma evidência que me não é inteiramente evidente, mas eu desejo tanto que ela o seja que por isso mesmo ela evidente se torna). E uso-as melhor quanto menos as penso.» (Coelho, 1997: 156).

<sup>4</sup> Sigo a primeira edição: David Mourão-Ferreira, *Tópicos de Crítica e de História Literária*, Lisboa, União Gráfica, 1969.

<sup>5</sup> Bem sei que na idade da suspeita em que vivemos, semelhante metáfora — «templo literário» — pode soar a romantismo serôdio ou, o que não é melhor, a ingenuidade pretenciosa. Porém, esta mesma metáfora não está desligada da *gravitas* com que o Professor Aguiar e Silva compreende a produção literária, seus contextos de produção e recepção, bem longe, afinal de contas, do relativismo cultural que, nos últimos quarenta anos, mais não fez que conduzir a Literatura para — uso uma metáfora do próprio Aguiar e Silva — que ela entrasse «no Inverno» da sua existência. As consequências desse relativismo triunfante estão à vista, na

Universidade e fora dela, especialmente na imprensa que se diz cultural, a qual, salvo exceções honrosas, apenas serve a ideologia do entretenimento e onde a Literatura, como realização estética e texto complexo, não tem lugar. O mesmo se diga quanto à realidade educativa do país e, nomeadamente, quanto ao ensino do português e das humanidades. O relativismo e o fetichismo tecnológico, ancorados na ideologia imediatista do paradigma tecno-científico que determina as políticas de educação no Ocidente desde os anos de 1970, conduziram não só ao obnubilamento da filologia, mas à própria diluição do ensino da Literatura e da História, das Artes e da Música em praticamente todos os graus de ensino, com terríveis consequências, e não só ao nível da cultura geral. Também no que tange à língua portuguesa falada e escrita são evidentes as dificuldades, os erros, o empobrecimento lexical, sintáctico e semântico das gerações nascidas depois da década de 1980. Aguiar e Silva, no quadro da revalorização da teoria e da literatura no ensino em Portugal dá, com este novo volume, outro contributo de valor inestimável para que, a nível político, se reformem vícios e preconceitos que se traduzem, de há anos, na desvalorização dos próprios centros de investigação em literatura, raramente, ou deficientemente financiados, seja no que respeita a projectos de continuidade, seja no que toca à atribuição de bolsas de investigação em programas de doutoramento.

- <sup>6</sup> Vide «Teses sobre o Ensino do Texto Literário na Aula de Português», *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*, Almedina, Coimbra, 2010, p. 212 ss.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPARRÓS, José Domínguez, *Estudios de teoría literaria*, València, Tirant lo Blanch, 2001.
- COELHO, Eduardo Prado, *O Cálculo das Sombras*, Lisboa, Edições Asa, 1997.
- ELIOT, T. S. *Ensaíes Escolhidos*, Lisboa, Cotovia, 1992.
- LOPES, Silvina Rodrigues, *Literatura: Defesa do Atrito*, Belo Horizonte, Chão da Feira, 2012.
- MOURÃO-FERREIRA, David, *Tópicos Recuperados. Sobre a Crítica e Outros Ensaíes*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992.
- WEINBERG, Liliana, *Pensar el ensayo*, México, Siglo Veintiuno Editores, 2007.
- SILVA, Vítor Aguiar e, *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina, 2010.
- , *Colheita de Inverno. Ensaíes de Teoria e Crítica Literárias*, Coimbra, Almedina, 2020.